



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT/DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO TÉCNICO EM ARTESANATO INTEGRADO À EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS

**TARSILA DO AMARAL COMO INSPIRAÇÃO PARA O PROCESSO DE
CRIAÇÃO DE UMA COLEÇÃO DE PEÇAS EM CERÂMICA**

RAPHAEL RODRIGUES DOS SANTOS

RIO DE JANEIRO

2022

TARSILA DO AMARAL COMO INSPIRAÇÃO PARA O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UMA COLEÇÃO DE PEÇAS EM CERÂMICA

Raphael Rodrigues dos Santos

Trabalho de Conclusão do Curso Técnico em Artesanato do Instituto Benjamin Constant, apresentado como requisito parcial à obtenção da habilitação em artesão ceramista.

Orientadora: Profa. Luciana Bernardinello

Coorientadora: Profa. Eliana Calegari

RIO DE JANEIRO

2022

Dedico este trabalho a minha mãe, meu pai e a minha irmã, e também aos professores: Camila, Caue, Eliana, Luciana e Glauce.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, a minha família, aos professores do Curso Técnico em Artesanato e a secretária do Departamento de Educação, Simonne, por todo o apoio que me foi dado durante o curso.

“Diz a ela que me viu chorar

Você pode usar o argumento que quiser

Tenta tudo aquilo que puder

Pede a ela pra voltar pra mim”

Tim Maia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. DECLARAÇÃO DO ARTISTA	8
3. MEMORIAL DESCRITIVO	10
3.1 A pesquisa artística	10
3.2 O tema para os processos de criação	13
3.3 A geração de ideias	14
3.4 A construção dos protótipos	18
3.5 A elaboração dos moldes	21
3.6 O processo de produção na cerâmica	22
3.7 O processo de elaboração da marca	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
GLOSSÁRIO CERÂMICO	40

1. INTRODUÇÃO

Para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) escolhi criar objetos utilitários com cores e formas orgânicas para formarem uma coleção de objetos para uso no dia-a-dia. A artista brasileira Tarsila do Amaral e as suas obras foram as minhas inspirações para a criação destes objetos utilitários.

A primeira coleção é um conjunto para tomar chá ou café, com uma xícara com pires, uma colher, uma pequena travessa para colocar pães ou biscoitos e um vaso solitário para colocar uma flor quando for compor a arrumação da mesa. A segunda coleção é para uso em escritório ou sala com o porta-livros e o peso de papel que surgiu a partir de outro peso de papel que já estava no ateliê de cerâmica.

Neste TCC apresentarei também uma Declaração do Artista onde conto sobre a minha trajetória de vida relacionada, principalmente, com o momento que frequentei a escola. Conto o porquê que escolhi a artista Tarsila do Amaral como inspiração para o processo de criação. No Memorial Descritivo apresento como criei e como fiz as peças em cerâmica, e como criei a minha marca.

Ao final do trabalho comentei sobre como foi a minha experiência no processo de criação das peças em cerâmica, desde a ideia para a minha inspiração e para a forma das peças até a modelagem manual em argila. Conto um pouco também sobre o que aprendi no Curso Técnico em Artesanato e sobre os meus planos futuros com a cerâmica.

2. DECLARAÇÃO DO ARTISTA

Meu nome é Raphael Rodrigues dos Santos, tenho 40 anos e moro em Niterói. Estudei na Escola Alberto Francisco Torres até a oitava série, nesta época, em que estava no ensino fundamental, gostava de ir para a escola e encontrar as professoras, os amigos da escola e gostava dos jogos de futebol nas aulas de Educação Física. Na escola aprendi a desenhar e a pintar casas, piões e bonecos.

Depois do ensino fundamental fiquei muito tempo sem estudar, e quando me mudei para outra casa em Niterói comecei a frequentar as aulas do Departamento de Reabilitação do Instituto Benjamin Constant (IBC). Quando conheci o IBC percebi que haviam pessoas como eu, com baixa visão, e senti vontade de estudar lá. No tempo que estudei na Reabilitação aprendi a usar a bengala, o que me ajudou muito para que eu andasse sozinho. Em 2019 ingressei no Curso Técnico em Artesanato Integrado à Educação de Jovens e Adultos do IBC, escolhi a habilitação em cerâmica, pois gosto muito de mexer no barro e de modelar com as mãos as peças que crio.

Nas produções artísticas em cerâmica que criei no meu TCC, os objetos utilitários como: o porta-livros, e o jogo composto por xícara, pires, travessa, colher e vaso, trago um pouco da história da minha vida, principalmente, de um momento que foi marcante para mim durante o ensino fundamental.

Quando conheci a artista Tarsila do Amaral nas aulas do Curso Técnico em Artesanato, lembrei de uma colega da época da escola chamada Tarsila, que chegou na escola onde eu estudava durante a sétima série, e fomos colegas até a oitava série. Gostava tanto da minha colega que cheguei a me apaixonar por ela, mas ela não se apaixonou por mim. Mas apesar disso, tenho boas lembranças dessa época em que fui apaixonado pela minha colega chamada Tarsila, e foi isso que me motivou a escolher a artista Tarsila do Amaral para me inspirar na criação das peças em cerâmica do Trabalho de Conclusão de Curso.

Quanto mais conheço o trabalho e as obras da Tarsila do Amaral, mais gosto e admiro ela. Assim, a minha inspiração para a criação das peças em cerâmica do Trabalho de Conclusão de Curso são as obras da artista brasileira Tarsila do Amaral, pois faz referência a um momento que lembro com muito carinho da minha vida.

Concluo a minha Declaração do Artista, enfatizando a minha grande admiração pela artista Tarsila do Amaral e a sua influência no meu processo de criação nas peças em cerâmica, na minha marca e em outros trabalhos artísticos que realizei ao longo do Curso Técnico em Artesanato.

3. MEMORIAL DESCRITIVO

3.1 A pesquisa artística

A minha inspiração foi a artista modernista Tarsila do Amaral, os seus desenhos e pinturas. Para conhecer sobre sua vida e obra, em colaboração com a professora de TCC, fiz pesquisas no site [Tarsila do Amaral](#) sobre a biografia dessa artista.

Tarsila do Amaral nasceu em primeiro de setembro de 1886, no Município de Capivari, interior do Estado de São Paulo. Filha de fazendeiros, passou sua infância nas fazendas de seu pai. Estudou em São Paulo e depois na Espanha, onde fez seu primeiro quadro, “Sagrado Coração de Jesus”, em 1904.

Na Europa, conheceu e casou-se com um médico, que não concordava com seu desenvolvimento artístico porque era muito conservador e queria que ela ficasse em casa cuidando dos afazeres domésticos. Tarsila, esperou sua única filha Dulce nascer e, em seguida, separou-se e voltou ao Brasil.

Em 1918, Tarsila iniciou seus estudos em pintura no ateliê do artista Pedro Alexandrino, onde conheceu a pintora Anita Malfatti. Em 1920 foi estudar em Paris e ficou lá até junho de 1922. Através das cartas de sua amiga, Anita, soube da Semana de Arte Moderna, que aconteceu em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo.

Quando voltou ao Brasil, a amiga Anita Malfatti apresentou Tarsila ao grupo modernista. Formaram o grupo dos cinco: Tarsila, Anita, Oswald, e os escritores Mário de Andrade e Menotti Del Picchia. Tarsila começou a namorar o escritor Oswald de Andrade e juntos viajaram para Paris onde conheceram importantes escritores como Jean Cocteau, escultores como Brancusi, músicos como Stravinsky e Eric Satie.

De volta ao Brasil, depois de uma viagem para as cidades históricas de Minas Gerais, Tarsila disse que foi lá que encontrou as cores que adorava quando era criança. Mas, quando estudou desenho e pintura ensinaram que estas eram cores feias e caipiras e que não deveria usar em seus quadros. Mas, foram essas cores que tornaram-se a marca de suas pinturas, assim como as paisagens brasileiras, a fauna, a flora, o folclore e o nosso povo.

Nesta fase “Pau-Brasil”, onde Tarsila busca redescobrir o Brasil, ela pinta em 1924, o quadro “Morro da Favela”, que é a representação de uma favela nas “cores caipiras” com casas, chão de terra, pessoas nas calçadas, animais, árvores, lago (córrego).

Figura 1: Tarsila do Amaral. Morro da Favela, 1924.



Tarsila do Amaral. Morro da Favela, 1924. Óleo sobre tela. 64,5 X 76 cm.

Fonte: <https://tarsiladoamaral.com.br>

Descrição da imagem: Reprodução da obra Morro da Favela, Tarsila do Amaral, 1924. Óleo sobre tela. 64,5 X 76 cm. Casas coloridas, pessoas negras nas ruas, plantas verdes, animais diferentes, lagoa.

Em janeiro de 1928, Tarsila queria dar um presente de aniversário ao seu marido, Oswald de Andrade, decidiu pintar o “Abaporu”. Quando Oswald viu essa pintura, ficou impressionado e disse que era o melhor quadro que Tarsila já havia feito. Chamou o amigo e escritor Raul Bopp, que também achou o quadro

fantástico. Eles resolveram batizar o quadro de “Abaporu”, que é uma junção dos termos tupi-guarani: *aba* (homem), *pora* (gente) e *ú* (comer), que significa “homem que come gente”. Oswald escreveu o Manifesto Antropófago e depois fundaram o Movimento Antropofágico.

A figura do Abaporu acabou simbolizando esse Movimento Antropofágico. A antropofagia significa absorver a cultura europeia, dominante na época, e transformá-la em algo nacional.

Figura 2: Tarsila do Amaral. Abaporu, 1928.



Tarsila do Amaral. Abaporu, 1928. Óleo sobre tela.

Fonte: <https://tarsiladoamaral.com.br>

Descrição da imagem: Reprodução da obra Abaporu, Tarsila do Amaral, 1928. Óleo sobre tela. No fundo azul do céu há uma pessoa sentada no chão verde com o corpo de lado. A pessoa possui cabeça pequena, mão e pé grandes. Perto do pé há um cacto verde, entre a cabeça e o cacto há o Sol amarelo com o centro em amarelo mais escuro.

Com a cabeça pequena, os braços e pernas grandes para representar os trabalhadores, as condições de trabalho e a exploração dos trabalhadores, Abaporu representa o Brasil por todos os lugares que já esteve exposto. Foi exibido no Brasil em 2008, na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em 2011, no Palácio do Planalto, em Brasília, e em 2016, no Rio de Janeiro. Em 2018, ele esteve no MoMA em Nova Iorque. Em abril de 2019, a obra foi exposta no Masp, na exposição retrospectiva “Tarsila Popular”. Hoje “Abaporu” está no Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (Malba).

A tela “Abaporu” foi leiloadada em novembro de 1995. O argentino Eduardo Constantini arrematou-a por 1,5 milhão de dólares. É a pintura mais cara já feita por um artista brasileiro.

Tarsila participou da I Bienal de São Paulo em 1951, teve sala especial na VII Bienal de São Paulo, e participou da Bienal de Veneza em 1964. Sua filha faleceu antes dela, em 1966. Tarsila faleceu em janeiro de 1973.

Tarsila dizia que queria ser a pintora do Brasil e pintou quadros que representam a identidade e a cultura do povo brasileiro. O olhar da Tarsila sobre a cultura do povo, a forma como ela pintou é maravilhoso porque cada pintura tem uma forma, mostra como é o morro, a natureza, as casas, os trabalhadores.

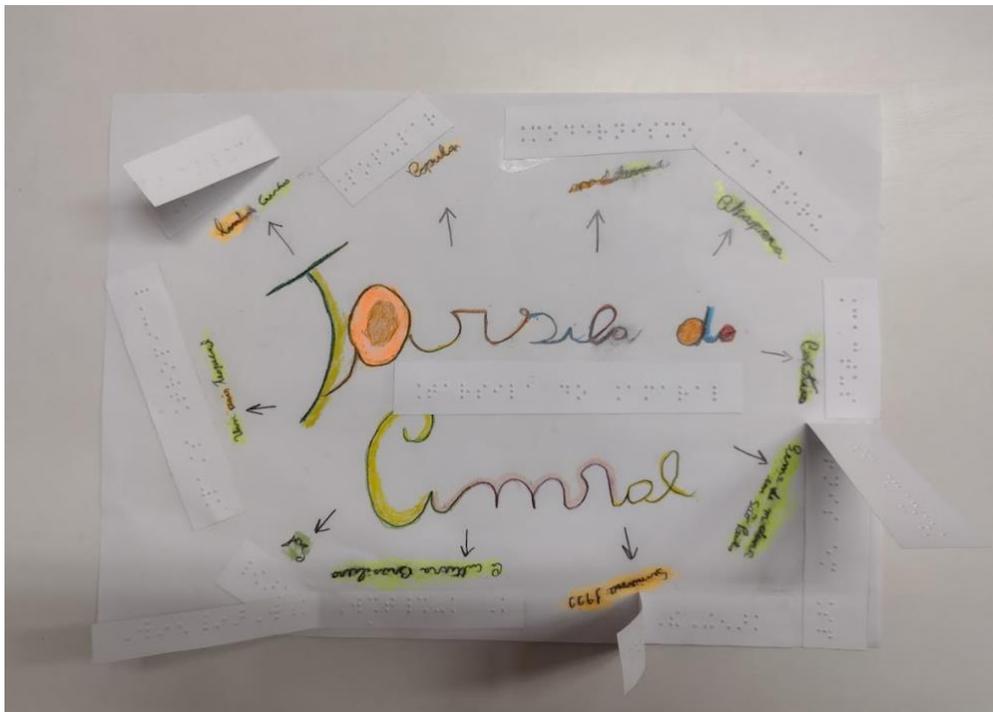
3.2 O tema para os processos de criação

O tema que escolhi para os meus processos de criação no ateliê de cerâmica foram as obras da artista Tarsila do Amaral: Abaporu (1928) (Figura 2) e Morro da favela (1924) (Figura 1).

Na aula de Laboratório de Criação criei o mapa conceitual com o tema sobre a Tarsila do Amaral. No centro da folha de papel escrevi “Tarsila do Amaral” e ao redor coloquei flechas que direcionam para as seguintes palavras em tinta e em Braille (o colega Marcos me ajudou a fazer essas palavras em

Braille): Modernismo, Abaporu, Linhas Curvas, País Tropical, Sol, A Cultura Brasileira, Semana de 1922, Semana do Modernismo e São Paulo.

Figura 3: Mapa conceitual sobre a artista Tarsila do Amaral.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Sobre o fundo branco, no centro da folha do papel sulfite “Tarsila do Amaral” em letras coloridas, ao redor, flechas indicam as seguintes palavras em tinta e em Braille: Modernismo, Abaporu, Linhas Curvas, País Tropical, Sol, A Cultura Brasileira, Semana de 1922, Semana do Modernismo e São Paulo.

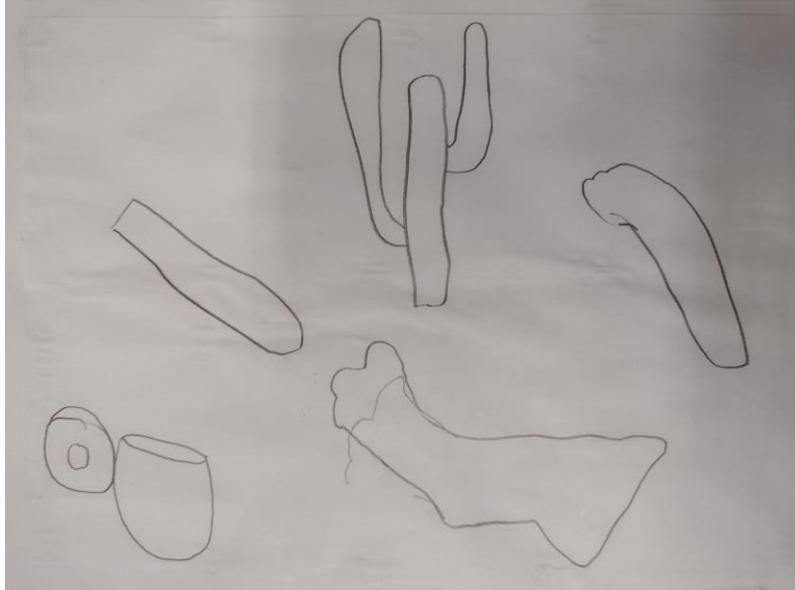
3.3 A geração de ideias

Nesta parte do trabalho apresento as minhas ideias para a criação da coleção de peças para tomar chá ou café, para o porta-livros e os pesos de papel, todos inspirados nas obras da Tarsila do Amaral.

Para pensar nas ideias dos objetos utilitários inspirados nas obras “Abaporu” e “Morro da favela” fiz nas aulas de Cerâmica, Laboratório de Criação e de TCC, a observação dessas duas pinturas. A partir disso, fiz estudos por meio de desenhos e recortes em EVA para desconstruir a forma do Abaporu,

transformando-as em formas de peças utilitárias, como mostram as Figuras 4 e 5.

Figura 4: Desenhos das peças utilitárias a partir da obra Abaporu.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Sobre o fundo branco desenhos do processo criativo dos objetos utilitários feitos a partir da obra Abaporu: xícara, pires, tigela, colher e vaso.

Figura 5: Recortes em EVA das peças utilitárias a partir da obra Abaporu.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Sobre o fundo branco recortes em EVA nas cores azul e vermelho dos objetos utilitários feitos a partir da obra Abaporu: xícara, pires, tigela, colher e vaso.

Na Figura 6, com a colaboração da professora de Laboratório de Criação, marcamos em branco em um programa de computador de desenho, as partes da reprodução da obra Abaporu que transformei em peças utilitárias que, chamei de coleção de peças para tomar chá ou café, como mostra a Figura 6.

Figura 6: Simulação digital: (a) pires, (b) xícara, (c) colher, (d) tigela e (e) vaso.



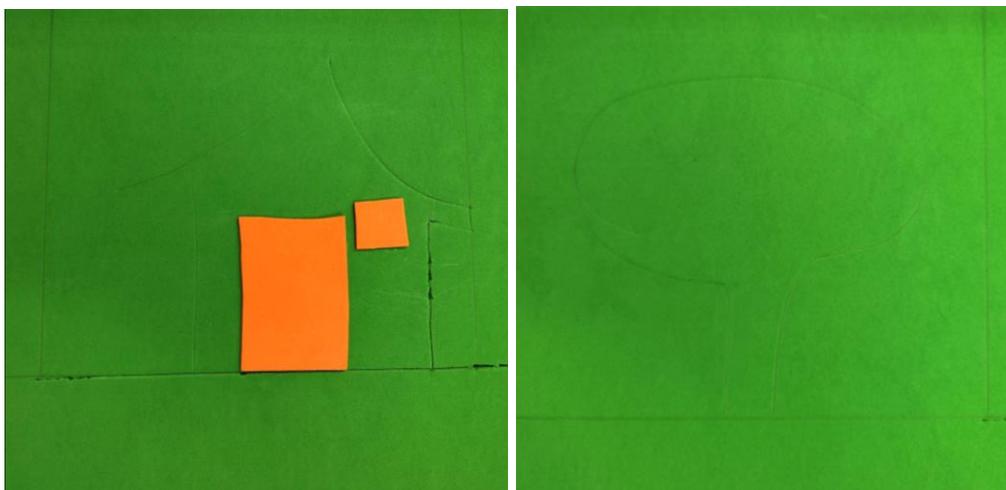
Fonte: Elaborado em colaboração com a professora da disciplina de Laboratório de Criação.

Descrição da imagem: Cinco imagens da reprodução da obra Abaporu com partes em destaque na cor branca que se referem às formas das peças utilitárias.

A forma do desenho do Sol e do corpo do Abaporu foram a inspiração para a criação da forma da xícara. O cacto serviu para eu pensar na forma do vaso que compõem a coleção. A forma do braço maior é a mesma forma que usei para criar a forma da tigela para colocar pães ou biscoitos. O braço menor foi a forma que escolhi para a colher. A forma do pé do Abaporu foi a mesma que usei para criar a forma do pires. Foi o jeito que encontrei para criar as peças da coleção a partir das formas do Abaporu, da artista brasileira Tarsila do Amaral.

Para fazer o porta-livros observei a obra Morro da favela e criei os desenhos da casa e da árvore no EVA, porque me chamaram a atenção e gostei de desenhá-los. Os desenhos da casa e da árvore são apresentados na Figura 7.

Figura 7: Desenhos da casa e da árvore no EVA.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Duas imagens dos desenhos da casa e da árvore em EVA. Na primeira imagem, o desenho da casa no EVA na cor verde com janela e porta na cor laranja. Na segunda imagem, o desenho da árvore no EVA na cor verde.

3.4 A construção dos protótipos

A partir da ideia da coleção de peças para tomar chá ou café inspirada nas formas da obra Abaporu (Figura 6), elaborei os protótipos, que são peças tridimensionais que modeliei em papel machê, como mostra a Figura 8.

Figura 8: Protótipos em papel machê da coleção de peças para tomar chá ou café.



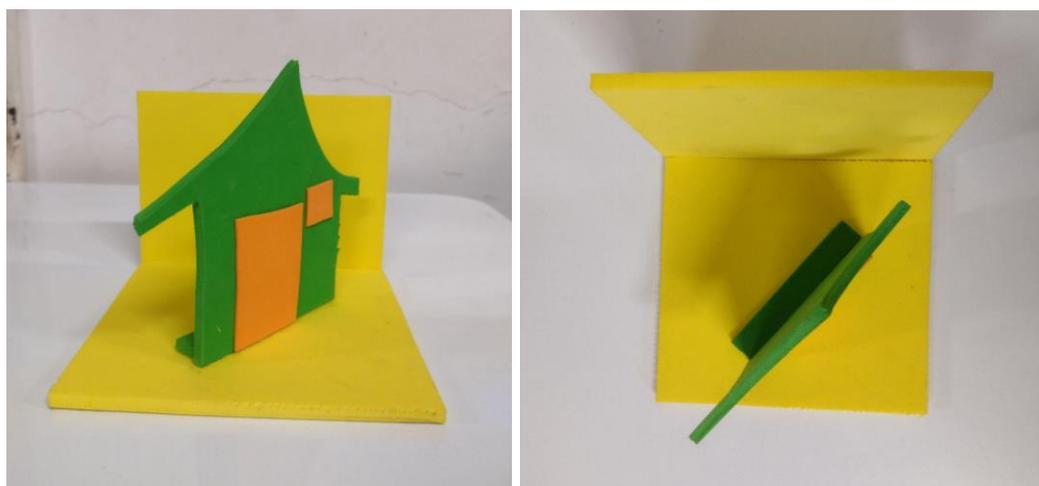
Fonte: Elaborado pelo autor.

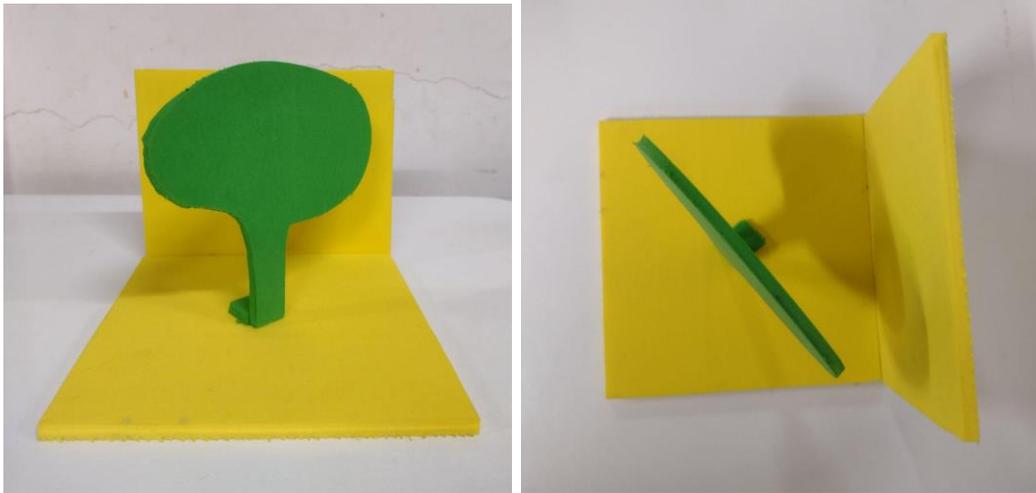
Descrição da imagem: Três imagens dos protótipos em papel machê de pires, xícara, colher, vaso e travessa. Nas primeira e segunda imagens, protótipos em papel machê de pires, colher, vaso e travessa. Na terceira imagem abaixo, os protótipos nas cores: xícara em azul e verde, colher amarela, vaso verde e travessa cor-de-rosa.

Para criar os protótipos da coleção de peças para tomar chá ou café, primeiro a professora de Laboratório de Criação criou junto comigo os moldes de duas dimensões de cada peça na medida mais próxima possível das peças que eu iria modelar na argila. A partir dos moldes fui construindo os protótipos juntando e unindo pequenos pedaços de papel machê. Com isso, consegui criar os protótipos em três dimensões da coleção de peças para tomar chá ou café inspirada nas formas da obra Abaporu.

Para criar os protótipos do porta-livros, recortei os desenhos que fiz no EVA (Figura 7) e montei a base do porta-livros com dois retângulos, um deitado e outro em pé, e colei a casa e a árvore no meio do retângulo deitado, como mostra a Figura 8.

Figura 8: Protótipo do porta-livros.



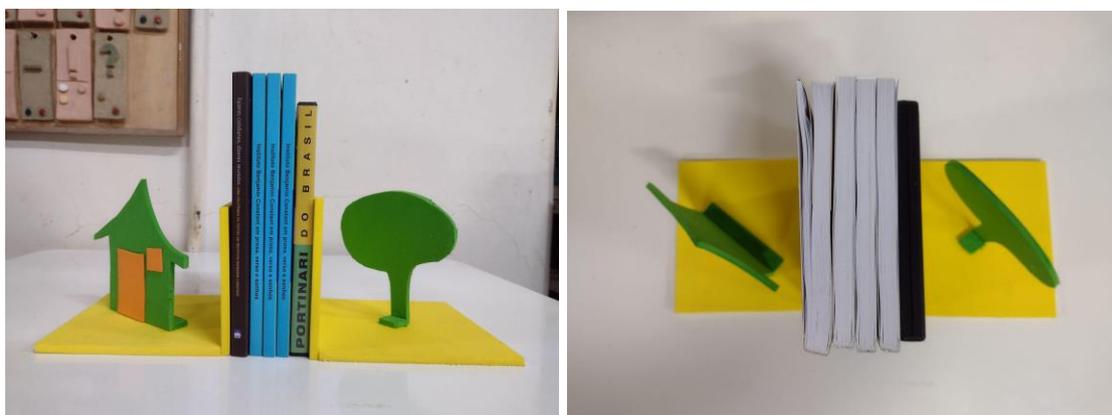


Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Quatro imagens dos protótipos do porta-livros. Na primeira imagem, protótipo do porta-livros com a casa verde, janela e porta laranja, base amarela. Na segunda imagem, vista superior do protótipo do porta-livros com a casa verde. Na terceira imagem, protótipo do porta-livros com a árvore verde, base amarela. Na quarta imagem, vista superior do protótipo de porta-livros com a árvore verde.

Para pensar em como o porta-livros poderia ser utilizado fiz uma simulação de uso com o protótipo do porta-livros. Coloquei alguns livros entre as duas partes do porta-livros, como mostra a Figura 9.

Figura 9: Simulação de uso do porta-livros.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Duas imagens da simulação de uso do porta-livros. Na primeira imagem, vista frontal do porta-livros com livros apoiados no meio. Na segunda imagem, vista superior do porta-livros com livros apoiados no meio.

3.5 A elaboração dos moldes

Para facilitar a modelagem na argila das peças da coleção de peças para tomar chá ou café, crie em colaboração com a professora de Laboratório de Criação os moldes em papelão para as peças que foram feitas com a técnica da placa na argila: o pires, a travessa para colocar pães ou biscoitos, a colher e a alça da xícara, como mostra a Figura 10.

Figura 10: Moldes em papelão das peças: pires, travessa, colher e alça da xícara.



Fonte: Elaborado em colaboração com a professora da disciplina de Laboratório de Criação.

Descrição da imagem: Moldes em papelão do pires, da travessa, da colher e da alça da xícara, sobre fundo branco.

Para a modelagem na argila do porta-livros, que foram feitos com a técnica de placa, também precisei fazer com a colaboração da professora de Laboratório de Criação os moldes em papelão tanto da estrutura, formada por dois retângulos, como dos elementos decorativos do porta-livros: a árvore e a casa, como mostra a Figura 11.

Figura 11: Moldes em papelão da estrutura e das partes decorativas do porta-livros.



Fonte: Elaborado em colaboração com a professora da disciplina de Laboratório de Criação.

Descrição da imagem: Moldes em papelão retangulares e com formas de árvore e casa.

3.6 O processo de produção na cerâmica

Para produzir as peças com a argila existe um processo que leva um certo tempo para fazer a modelagem e a secagem, e só depois a queima no forno de

cerâmica. Para começar a modelagem manual, primeiro separo o barro com uma linha de nylon para cortar a quantidade necessária para fazer a peça. Depois, na bancada de cimento, bato o barro e sovo para sair as bolhas de ar (isso ajuda a peça a não rachar ou quebrar depois no forno).

Para fazer as peças com a técnica de placa, como: o pires, a colher, a alça da xícara, a travessa e o porta-livros, começo fazendo primeiro essa sova da argila, depois na bancada de cimento, coloco o barro em cima de uma lona e entre este pedaço de barro, coloco duas ripas de madeira para definir a espessura da placa. Depois abro a placa com o rolo de macarrão feito de madeira, como mostra a Figura 12.

Figura 12: Abrindo a placa de argila.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Sobre uma bancada de cimento, estudante abrindo uma placa de argila com um rolo de madeira.

Depois de abrir a placa de argila, coloco o molde de papelão das peças sobre essa placa e corto com uma faca ao redor do molde. Na sequência, retirando o barro em excesso, como mostra a Figura 13.

Figura 13: Recorte da placa em argila a partir da forma do molde.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Mãos de estudante recortando com uma faca a argila na forma de uma casa.

Com as partes das peças recortadas nas placas de argila com o molde, faço a união para dar forma às peças. Para isso, risco com uma faca um dos pedaços da placa, passo a barbotina sobre os riscos e junto às partes, como mostra a Figura 14. Também para ajudar a unir as partes, coloco cobrinhas fininhas onde falta argila e depois aliso com os dedos.

Figura 14: União das partes das peças.

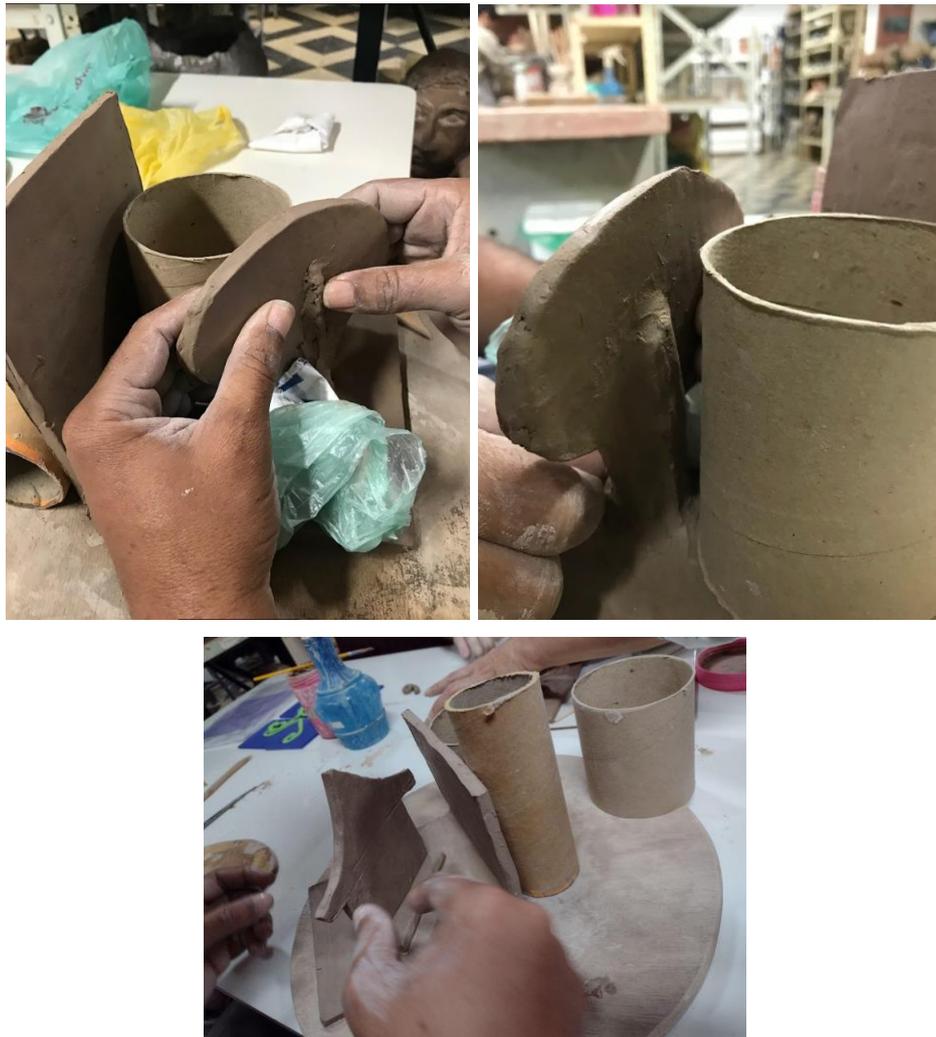


Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Mãos de estudante unindo a árvore e a casa na estrutura de argila do porta-livros.

Para o porta-livros precisei colocar um reforço de argila atrás da árvore, porque a primeira vez que fiz quando fui fazer o acabamento com a lixa (no ponto de osso quando a peça está bem mais seca) a árvore quebrou no tronco, que é uma parte frágil. A Figura 15 mostra o reforço de argila e o cilindro de papelão que coloquei na peça para escorar a árvore durante a secagem.

Figura 15: Reforço de argila na parte de trás da árvore e cilindros de papelão apoiando a peça.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Mãos de estudante adicionando reforço de argila na árvore e cilindros de papelão apoiados nas peças.

Depois que as peças já secaram um pouco (ponto de couro), fiz o acabamento. Para fazer o acabamento, alisei as peças com o dedo passando água e fazendo movimentos para alisar. Em seguida, coloquei um plástico sobre elas e deixei secar por um tempo, como mostra a Figura 16.

Figura 16: Acabamento para alisar as peças.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Estudante passando a esponja na peça e alisando com a mão.

Para fazer o corpo da xícara utilizei a técnica da bola. Para isso, primeiro separei um pedaço de argila, fiz a sova para retirar as bolhas de ar e depois com as mãos modeliei uma bola, fiz um furo no meio com o dedo polegar e fui dando forma à xícara.

Para a alça da xícara fiz a técnica da placa e usei um molde de papelão para cortar a alça na placa de argila. O cacto fiz com cobrinhas grossas, depois risquei a argila, passei barbotina e coleí as duas partes na parte do meio do cacto, e fiz um furo no meio para colocar uma flor. A Figura 17 mostra o cacto, a xícara e as outras peças da coleção.

Figura 17: Peças que fazem parte da coleção para tomar chá ou café.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Sobre uma base de madeira, xícara, pires, colher e cacto modelados na argila.

Para os pesos de papel também fiz a técnica de placa e usei os moldes de papelão da casa e da árvore só que menores dos que usei no porta-livros. Para decidir qual seria o tamanho de cada peso de papel usei um peso de papel que já existia no ateliê de cerâmica.

Figura 18: Peso de papel de referência.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Sobre fundo azul, peso de papel com forma circular em cerâmica, com desenhos geométricos no topo.

No ponto de osso, quando as peças secaram um pouco mais que no ponto de couro, fiz o acabamento com a lixa. Depois passei o engobe nas peças com um pincel para dar a cor, como mostra a Figura x. E, por fim, a peça vai para as queimas de biscoito e alta temperatura para virar cerâmica. As cores de engobe que escolhi foram azul, verde, amarelo e rosa, inspiradas nas obras de Tarsila do Amaral.

Figura 19: Peças com engobe.





Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Quatro imagens das peças da coleção para tomar chá ou café, do porta-livros e dos pesos de papel com engobe na cor amarelo, verde e cor-de-rosa. Nas quatro primeiras imagens, xícara, pires, colher, travessa, cacto, porta-livros e pesos de papel modelados em argila e com engobe nas cores amarelo, verde e cor-de-rosa. Na quarta imagem, o estudante passa com um pincel o engobe na cor amarelo no porta-livros modelado em argila.

3.7 O processo de elaboração da marca

Além da minha criação artística da coleção para tomar chá ou café e da coleção de peças para uso em escritório ou sala com o porta-livros e o peso de papel, criei também a minha marca inspirada nas obras da artista Tarsila do Amaral.

Nas aulas de Laboratório de Criação conheci sobre as marcas e a professora trouxe vários exemplos de marcas para estudarmos os seus elementos, como: as cores, as formas, os logotipos, os nomes, as letras e outros, como mostra a Figura 20.

Figura 20: Materiais didáticos acessíveis para o estudo das marcas.



Fonte: Elaborado pela professora da disciplina de Laboratório de Criação.

Descrição da imagem: Materiais acessíveis das seguintes marcas: Gillete, Maizena, McDonald's e Vivo.

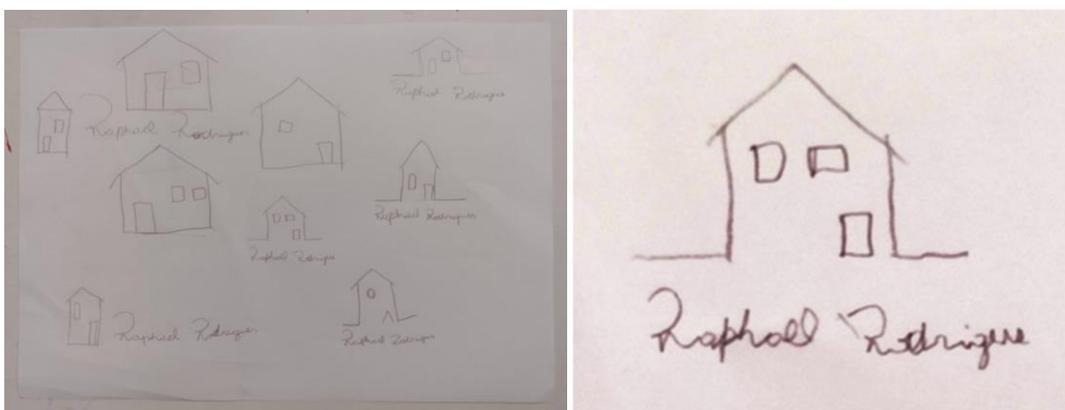
De acordo com Strunk (2003, p.53) a marca constitui-se de “um nome, normalmente representado por um desenho (logotipo e/ou símbolo), que com o tempo, devido às experiências reais ou virtuais, objetivas ou subjetivas que vamos relacionando a ela, passa a ter um valor específico”.

Desse modo, uma marca é um conjunto de expectativas, memórias, histórias e relacionamentos que, juntos, são responsáveis por fazer as pessoas escolherem um produto ou serviço em vez de outro. Portanto, além de pensar

no nome da marca, nas cores, letras, formas e sons, também podemos pensar em algumas sensações e lembranças, já que é essa a função da marca: despertar sensações e criar conexões conscientes e inconscientes, que serão cruciais para que as pessoas escolham a sua marca no momento de decisão, quando adquirem algum produto ou serviço (AIREY, 2010).

Para a criação da marca comecei a pensar no desenho do logotipo a partir da obra Morro da Favela da artista Tarsila do Amaral (Figura 1). Escolhi a casa que a artista desenhou na pintura para me inspirar, e depois criei vários desenhos de casas para o logotipo da marca. Escolhi o desenho que tem duas linhas na horizontal na parte de baixo da casa que representam o chão, e abaixo do desenho da casa escrevi o meu nome, que é o nome da minha marca, como mostra a Figura 21.

Figura 21: Desenho para a elaboração do logotipo da marca.

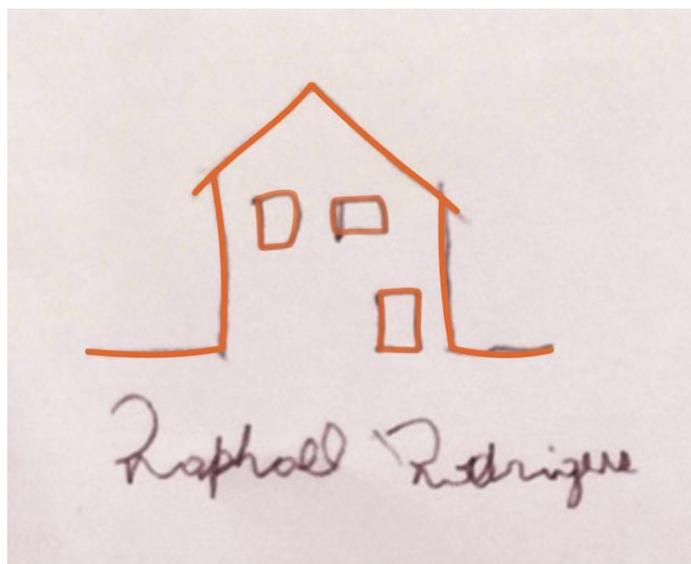


Fonte: Elaborado pelo autor.

Descrição da imagem: Sobre folha branca, desenho em grafite de casas e nome da marca.

Depois de fazer o desenho manual, a professora de Laboratório de Criação digitalizou o meu desenho no programa de computador Inkscape, como mostra a Figura 22. Assim, continuamos trabalhando com a forma da marca, a escolha da fonte e a aplicação das cores.

Figura 22: Processo de elaboração do logotipo da marca elaborado digitalmente a partir do desenho manual.

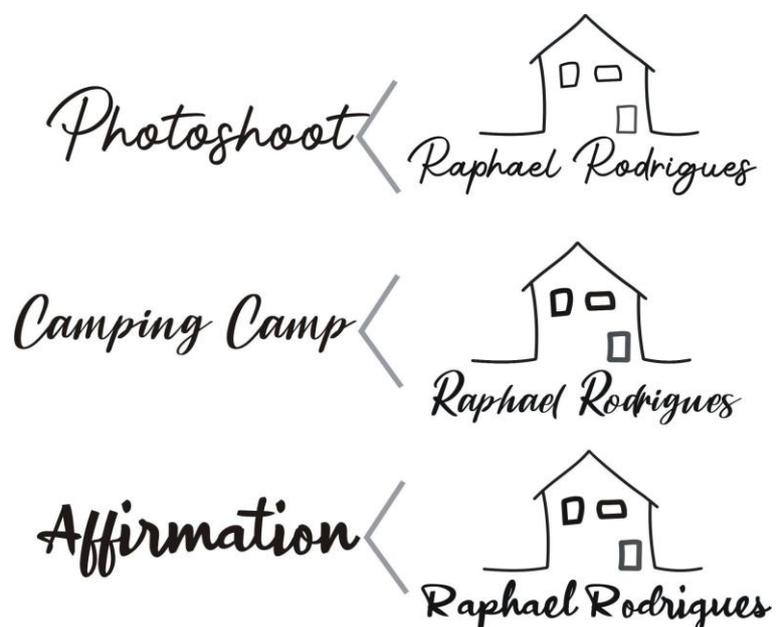


Fonte: Elaborado em colaboração com a professora da disciplina de Laboratório de Criação.

Descrição da imagem: Desenho da casa com linha na cor laranja sobre a linha feita com lápis grafite em folha sulfite branca.

Fizemos testes para escolher a forma da letra para ser aplicada no nome da marca. Escolhi a Photosoot porque é muito parecida com a minha letra, como mostra a Figura 23.

Figura 23: Tipografia selecionada para a marca.



Fonte: Elaborado em colaboração com a professora da disciplina de Laboratório de Criação.

Descrição da imagem: Aplicação de três tipografias no nome da marca: Photosoot, Camping Camp e Affirmation.

A paleta das cores que escolhi para a marca são tons de verde, azul, vermelho e laranja porque são as cores que percebi na pintura do Morro da Favela da artista Tarsila do Amaral, como mostra a Figura 24.

Figura 24: Paleta de cores.



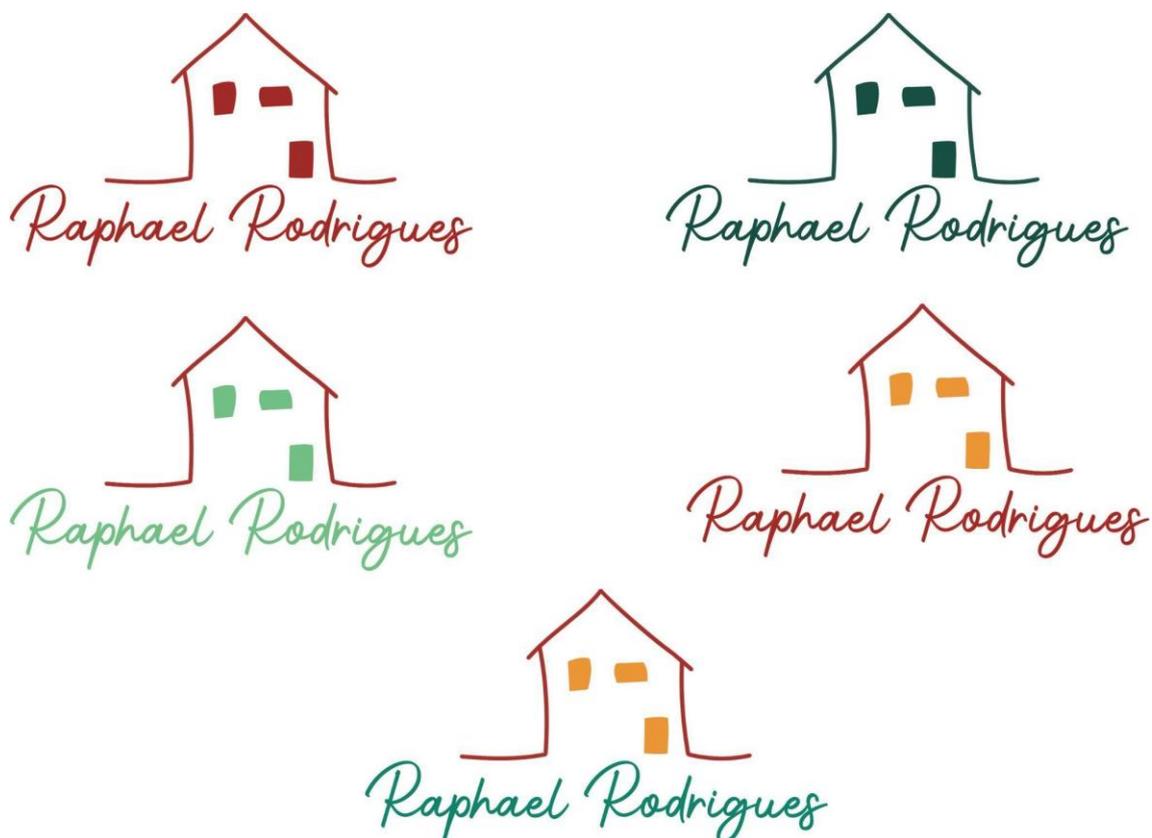
Fonte: Elaborado em colaboração com a professora da disciplina de Laboratório de Criação.

Descrição da imagem: Na primeira imagem, reprodução da obra Morro da Favela da artista Tarsila do Amaral. Na segunda imagem, paleta de cores formada por oito quadrados preenchidos em tons de azul, verde, vermelho e laranja.

No programa de computador fizemos testes da aplicação da paleta de cores na marca, testamos a marca (nome e logotipo) toda em vermelho; toda em verde; com o contorno da casa em vermelho e as janela, porta e o nome da marca em verde; o contorno da casa e o nome da casa em vermelho e as janelas e a porta em laranja; e o contorno da casa em vermelho, as janelas e a porta em

laranja e o nome da marca em verde. A que mais gostei foi a marca com o contorno da casa e o nome da casa em vermelho e as janelas e a porta em laranja, como mostra a Figura 25.

Figura 25: Aplicação da paleta de cores.



Fonte: Elaborado em colaboração com a professora da disciplina de Laboratório de Criação.

Descrição da imagem: Cinco testes de aplicação das cores vermelho, verde e laranja na marca.

Na última etapa do processo de criação da marca, testamos no programa de computador a marca colorida com fundo preto e branco e a marca branca com fundo preto e a marca preta com fundo branco como possibilidades de aplicação da marca, como mostra a Figura 26.

Figura 26: Variações da marca.



Fonte: Elaborado em colaboração com a professora da disciplina de Laboratório de Criação.

Descrição da imagem: Quatro testes para aplicação da marca, o primeiro com a marca colorida sobre fundo branco, o segundo a marca colorida sobre fundo preto, o terceiro a marca preta sobre fundo branco e o quarto a marca branca sobre o fundo preto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentei o meu processo de criação da coleção para tomar chá ou café, com uma xícara com pires, uma colher, uma pequena travessa para colocar pães ou biscoitos e um vaso solitário para colocar uma flor quando for compor a arrumação da mesa, além da coleção de peças para uso em escritório ou sala com o porta-livros e o peso de papel. A minha inspiração para a criação destas coleções e também para a minha marca foram as obras Morro da Favela e Abaporu da artista brasileira Tarsila do Amaral.

No desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso gostei de fazer tudo: de criar as peças, de manipular o barro, sovar, bater e prepará-lo para a produção das peças, de cortar o barro, de fazer uma bola, abrir o barro para fazer uma placa, de fazer a xícara, de criar a partir das obras da Tarsila, de fazer os desenhos a partir das obras Abaporu e Morro da Favela, de aprender as técnicas da bola e da placa. Foi muito bom conhecer a textura do barro, de deixar ele com as marcas dos meus dedos. Além disso, gostei bastante de criar o porta-livros no EVA.

Estou satisfeito com o meu trabalho, mas gostaria de ter feito mais peças. Gostaria de melhorar o porta-livros saiu meio torto, porque mexi demais. Acho que preciso treinar mais as técnicas de modelagem, percebo que quanto mais mexo no barro mais aprendo como ele se comporta. Gostaria de aprender a mexer em outras ferramentas, conhecer outras técnicas e de conhecer mais sobre as obras da artista Tarsila do Amaral.

Acredito que conhecer os artistas e as obras nos ajuda a criar. Foram as obras da Tarsila do Amaral junto com as professoras de Cerâmica e de Laboratório de Criação que me fizeram perceber a forma que eu poderia criar as peças das minhas coleções. Enquanto nas aulas de TCC fui conhecendo a biografia da artista Tarsila do Amaral me encantei pela sua história de vida e pelo seu trabalho.

Aprendi muito nas aulas do Curso Técnico em Artesanato, aprendi as técnicas que a professora de Cerâmica falou, como: bola, placa, cobrinha, a modelar na argila com moldes. Seria interessante trabalhar com peças maiores para melhorar o meu trabalho, e conhecer mais artistas, o que os artistas fazem.

Nos meus planos futuros com a cerâmica pretendo me aperfeiçoar na cerâmica e continuar estudando para aprender coisas novas. Pretendo criar peças em cerâmica em casa mesmo: vasos, copos, pratos, panela e outras peças utilitárias, e me imagino criando peças utilitárias e decorativas, como esculturas. Mas é preciso lembrar que para criar estes meus futuros projetos é importante o trabalho colaborativo (fornecedor, rede de apoio, parceria de trabalhos) porque a gente não consegue fazer tudo sozinho, na sala de aula temos um trabalho colaborativo.

REFERÊNCIAS

AIREY, David. *Design de logotipos que todos amam*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2010.

STRUNK, Gilberto Luís Teixeira Leite. *Como criar identidades visuais para marcas de sucesso: um guia sobre o marketing das marcas e como representar graficamente seus valores*. 2. ed. Rio de Janeiro-RJ: Rio Books, 2003.

TARSILA DO AMARAL. *Biografia*. Disponível em:
<<https://tarsiladoamaral.com.br/biografia/>> Acesso em 18 de maio de 2022.

GLOSSÁRIO CERÂMICO

Argila: principal matéria-prima da cerâmica. É um mineral que tem como propriedade a plasticidade, qualidade que permite modelá-la e conservar a forma modelada. Torna-se resistente e inalterável quando submetida a temperaturas a partir de 650° C. De acordo com sua origem, pode ter diferenças de retração, plasticidade e resistência.

Barbotina: argila misturada com água em estado cremoso (parecido com iogurte). É usada como “cola” para a argila em diversas técnicas da produção de cerâmica artesanal. Também pode ser usada em moldes para produção das peças.

Bater ou sovar a argila: fazer movimentos para homogeneizar a umidade e para retirar pequenas bolhas de ar contidas na argila que comprometem o resultado do trabalho final.

Biscoito ou queima de biscoito: primeira queima feita em uma peça de argila crua (entre 650° C a 900° C) que serve para transformar a argila em cerâmica, tornando-a permanentemente dura.

Bola ou pinch: técnica tradicional de modelagem manual usada para produzir peças circulares, a partir de uma bola de argila na qual com a pressão dos dedos afina-se as paredes da peça.

Bolhas de ar: podem existir dentro da argila e que precisam ser eliminadas para não provocarem explosão das peças durante a queima ou rachaduras nas peças durante o processo de secagem. Podem surgir nas colagens das emendas de duas partes da mesma peça.

Cobrinhas ou rolinhos: técnica tradicional de modelagem manual em que se acumulam rolinhos de argila para criar as paredes de um vaso, geralmente circular.

Engobe: tipo de decoração para cerâmica. Mistura de argila líquida, óxidos e outros componentes que lhe conferem alguma coloração e que pode ser aplicada em uma peça antes da esmaltação, ou ser aplicada na peça crua e ser brunida logo em seguida, evitando, desta forma, a aplicação do esmalte sobre o engobe. Utilizado em peças cruas (ponto de couro), mas pode também, de acordo com alguns ceramistas, ser aplicado em peças biscuitadas.

Esmalte: camada vítrea aplicada sobre as peças cerâmicas.

Forno: câmara construída de tijolos refratários e provida de um equipamento de aquecimento que pode ser alimentado por diferentes combustíveis (eletricidade, gás, lenha etc.), e que pode alcançar altas temperaturas, permitindo a queima das peças em biscoito e também esmaltes.

Placa: técnica de modelagem manual usada para criar peças com paredes definidas, como peças cilíndricas, quadradas, triangulares etc.

Ponto de couro (ou dureza de couro): estado de secagem em que a argila está parcialmente endurecida, porém ainda úmida, o que permite intervenções em sua superfície.

Ponto de osso (ou dureza de osso): estado de secagem em que a argila está totalmente endurecida e que não permite intervenções em sua superfície.

Queima: aplicação de temperaturas elevadas em objetos feitos de argila, em fornos tradicionais ou alternativos. Em função das argilas ou dos esmaltes utilizados, podem ser queimas de baixa temperatura (entre 650 °C e 980° C) e queimas de alta temperatura (de 1.000 °C a 1.230 °C).

Secagem: processo que faz parte da produção de peças cerâmicas, sendo fundamental para manter a integridade daquilo que foi construído, independente da técnica utilizada. É preciso uma secagem lenta e homogênea para que não ocorram rachaduras, quebras ou deformações das peças.